

SALA DE INTERROGATÓRIO n° 1

(Entrevista com os autores)

Bernard GENIN interroga Jean-Loup Felicioli e Alain Gagnol a respeito de seu primeiro longa-metragem: Um Gato em Paris.

➔ **B.G.:** A primeira pergunta diz respeito à sua vocação: vocês pensaram logo no cinema de animação?

Jean-Loup: De jeito nenhum. Eu queria ser pintor! Então fiz cursos em várias escolas de belas-artes, em Estrasburgo, Annecy, Perpignan, Valence...

Alain: E eu sonhava em fazer histórias em quadrinhos. Então me inscrevi na escola Emile Cohl, de Lyon.

➔ **B.G.:** Como vocês se conheceram?

Jean-Loup: No serviço militar.

Alain: Você quer dizer no serviço civil. Na verdade, quando chegou a hora de “servir o exército”, eu vi que não tinha a menor vontade de manejar armas ou varrer o pátio de um quartel...



Jean-Loup: Nem eu.

Alain: Eu tinha ouvido falar de um estúdio de animação de Valence chamado Folimage, cuja reputação só fazia crescer e que aceitava objetores de consciência para dois anos de serviço civil.

Jean-Loup: Eu também. Eu cheguei primeiro, em 1987. Foi assim que descobri a profissão. Eu trabalhei com massa de modelar, desenho...

Alain: E ele rapidamente se tornou um colorista sem igual, isso eu posso dizer. Eu cheguei ao Folimage no final de 1988, depois de perceber que eu não tinha sido feito para os quadrinhos. Estreei como animador de séries educativas para crianças que, assim, de repente, começaram a marcar o estilo do Folimage: *Le bonheur de la vie*, *Ma petite planète chérie*, *Mine de rien*. Uma ideia martelava na minha cabeça: começar a escrever roteiros, mas sem parar de desenhar. Eu sempre soube que, para mostrar o que se quer, nada melhor do que um bom desenho.

Jean-Loup Felicioli & Alain Gagnol

➔ **B.G.:** Qual foi seu primeiro filme juntos?

Alain: *L'Egoïste*, em 1995. Eu escrevi o roteiro e também participei da animação. Jean-Loup foi responsável pela parte gráfica (desenho dos personagens e do cenário).

➔ **B.G.:** Pelo que eu sei, em quatro minutos, sem diálogos, vocês fazem o retrato de um Narciso monstruoso, incapaz de amar uma mulher que não se parece com ele. Eu cito: “Um estilo se impõe desde o início. Em seu experimento, Jean-Loup e Alain procuraram inovar: o texto bastante literário, o tom cínico do comentário, o grafismo muito original, muito colorido, distante de qualquer realismo (sentimos a influência de Matisse, Modigliani, Picasso...)”

Jean-Loup: Tecnicamente, nós queríamos fazer uma espécie de baixo relevo em massa de modelar. Finalmente, acabamos fazendo um desenho animado. Poucos espectadores percebem, mas *L'Egoïste* foi filmado em “multiplano horizontal”, uma técnica que os irmãos Fleischer inventaram nos anos 30 para dar profundidade a seus curtas-metragens. Os celuloídes

são filmados sobre uma placa de vidro vertical atrás da qual se colocam, a alguns centímetros de distância, os cenários pintados em cartão.

➔ **B.G.:** *L'Egoïste* ganhou um prêmio em Espinho, em Portugal, e o grande prêmio de Marly de 1996.

Alain: Exato. E o método de trabalho que experimentamos nesse filme deu seus frutos em 1998, com uma série de dez curtas-metragens coproduzidos pelos canais Arte e Canal +: *Les Tragédies Minuscules*.

➔ **B.G.:** Do que falavam?

Alain: Das coisas insignificantes da vida, a falsa banalidade do cotidiano levada ao absurdo. Cada episódio durava três minutos e meio. Como em *L'Egoïste*, eu primeiro escrevi os textos, que podiam ser lidos como contos. Foi Raymond Carver que me libertou. A força de seus contos mais curtos, de apenas duas páginas, foi um elemento desencadeador. Eu pensei: “É possível!”

Os títulos de alguns episódios evocam uma situação específica, muitas vezes ridícula: Ça aurait pu être moi (um homem culpado de um terrível acidente. Ele se atrasou porque... perdeu uma meia!); Si tu savais ce que j'en pense; Il est arrivé quand on parlait de lui; Je lui ai demandé ce qu'il avait fait pendant toutes ces années; Je l'ai vue devant chez moi; Il faut savoir attendre le bon moment. Uma faca no meio dos garfos leva o espectador à beira da loucura: um homem mergulha em plena paranoia assassina porque sua mulher colocou uma faca de cozinha no compartimento dos garfos.

Jean-Loup: Com imagens desesperadoras, as histórias de Alain poderiam ser horríveis. Eu as levei para o lado colorido, jogando com as falsas perspectivas, os cenários oblíquos, os grandes planos inesperados, o irrealismo do colorido... Cada celuloide foi pintado a guache e enriquecido com giz de cera. Foi esse visual original, diferente dos padrões estilo Disney, que encantou um público de adolescentes e jovens. Privilegiamos os movimentos simples, os gestos precisos, a mise en scène. Um personagem podia ser animado de maneira realista em um plano e depois ser esticado como uma borracha no plano seguinte. Para nós, a sensibilidade do traço é mais importante do que a habilidade técnica.

Alain: Talvez essa tenha sido nossa contribuição para o Folimage: esse lado literário com imagens bem pictóricas, próximas da pintura, menos baseadas em uma animação que seria apenas espetacular.

➔ **B.G.:** O que vocês fizeram depois de Les Tragédies Minuscules?

Alain: Demos continuidade ao nosso trabalho, sempre no mesmo estilo (intimista, estranho, fantástico) e com o mesmo universo gráfico. Nós participamos da realização de A Profecia das Rãs, de Jacques-Rémy Girerd, primeiro longa-metragem do estúdio Folimage, que teve Jean-Loup como diretor de arte.

➔ **B.G.:** Sua dupla se reformula em alguns filmes, como O Corredor, em que um homem encontra na imobilidade o sentido de sua vida.

Alain: Eu admito que escrevi essa história absurda influenciado por Bartleby, o Escrivão, de Herman Melville... Como para os surrealistas, as fantasias têm a mesma presença imaginária que o real. O tom é melancólico, mas os personagens e cenários têm cores resplandecentes.

➔ **B.G.:** Após quinze anos de curtas-metragens e após realizarem um filme policial expressionista (Mauvais temps) simplesmente pelo prazer de trabalhar o preto e branco, parecia que tinha chegado a hora de passar para o longa-metragem.

Alain: É. Queríamos novos desafios, como finalmente escrever diálogos, para mim. Um longa, obviamente, é menos experimental que um curta. Nós nos dirigimos ao grande público. Há a questão econômica. A dificuldade foi continuar fazendo o que amamos, mas nos adaptando a algumas restrições. Mas o comercial e o artístico podem não excluir um ao outro. Nós vimos sobretudo a oportunidade de mostrar outro lado de nosso universo...

➔ **B.G.:** E Alain seguiu sua tendência natural: escreveu um roteiro policial.

Alain: Isso, a história de um “ladrão” que visita os apartamentos de Paris passando pelos telhados... Ele se chama Nico. Graças a seu gato, que “joga dos dois lados”, Nico conhece uma menina, Zoé. Jeanne, a mãe de Zoé, é delegada de polícia. E ela está atrás de Costa, bandido que provocou a morte de seu marido alguns anos antes.

Jean-Loup: Eu dei rosto a esse ladrão não tão malvado, a essa menina que sente falta do pai, a esse bandido burro a malvado. A história oferecia belos jogos de cena, com fundos pitorescos (os telhados de Paris à noite, a torre da Notre-Dame, com suas gárgulas e seus sinos, sem falar das visões fantásticas de Costa, o malvado da história, apaixonado por arte africana). Do ponto de vista da animação, permanecemos fiéis a nossos princípios: nunca criamos um model-sheet, essas cartas gráficas usadas pelos animadores representando os personagens sob todos os ângulos. Cada plano tem um modelo próprio, de acordo com a situação, tanto na forma quanto na cor. Não há uma fôrma rígida, o animador é livre. E, como em O Corredor, todos os desenhos foram enriquecidos pela superimpressão de traços de luz.

➔ **B.G.:** O mundo da animação adora dar números... Vocês podem nos dar alguns?

Alain: Um Gato em Paris tem 769 planos, portanto, quase o mesmo número de panos de fundo. Ele começou a ser produzido no início de maio de

2007 (depois de dois anos escrevendo o roteiro e trabalhando para convencer os patrocinadores). Orçamento: cinco milhões de euros. A Bélgica coproduziu dez por cento do filme, mas três quartos dele foram feitos em Valence, como A Profecia das Rãs. Não é um orçamento enorme, mas uma das características do Folimage é se adaptar às situações.

➔ **B.G.:** Dizem que Alain é um grande fã do cinema americano...

Alain: É verdade. E, neste filme, coloquei algumas pitadas para os cinéfilos. Uma conversa entre os bandidos que lembra Scorsese, um quarteto de gângsteres de meia tigela de apelidos esquisitos tirado de Cães de Aluguel, ou uma cena em homenagem a O Mensageiro do Diabo.

➔ **B.G.:** Em suma, vocês criaram uma sutil mistura de suspense, aventura e humor, mas sem esquecer a ternura. Parece que, logo de início, percebe-se que é um filme do Folimage.

Alain e Jean-Loup: O estúdio deve ter umas vibrações...

➔ **B.G.:** Dizem também que vocês já estão com a cabeça em outro universo... o do seu próximo filme.

Alain: Será outro filme policial, pois esse é meu universo. Mas, desta vez, com uma variante: entraremos realmente no fantástico... Uma coisa é certa, vamos continuar fazendo longa-metragem. É mais emocionante. Tem vida, dá para explorar os personagens, encontrar mais possibilidades de cenários.

